PT

Fundação da Casa de Bragança

A Fundação da Casa de Bragança foi instituída em 1933 com o património imóvel e as coleções de bens culturais móveis da Casa de Bragança, de acordo com a vontade expressa em testamento pelo rei D. Manuel II.

O museu compreende atualmente três espaços no Paço Ducal: o Andar Nobre, a Armaria e a Coleção de Coches. Fora do Paço, fazem ainda parte do museu a Igreja dos Agostinhos e o Castelo, que alberga os núcleos de Arqueologia e de Caça.

FUNDAÇÃO DA CASA DE BRAGANÇA
MUSEU - BIBLIOTECA

1 Escadaria Nobre
2 Sala das Tapeçarias
3 Sala do Gigante
4 Sala da Medusa
5 Sala de D. João VI, Portugal e o Brasil
6 Sala dos Duques
7 Sala das Virtudes
8 Sala de Hércules
9 Sala Dourada
10 Aposentos Reais
11 Capela
12 Sala Indo-Portuguesa
13 Sala de Jantar
14 Cozinha

1 Escadaria Nobre

O Paço Ducal foi a residência dos Bragança, uma das mais importantes casas da nobreza portuguesa. A sua construção começou em 1501, por ordem de D. Jaime, 4.º duque de Bragança.

Com a subida da Casa de Bragança ao trono de Portugal em 1640, a família passou a viver sobretudo em Lisboa, e o Paço Ducal de Vila Viçosa tornou-se uma das várias residências reais do reino.

Frescos do século XVI que representam a tomada de Azamor, no Norte de África, em 1513, pelas tropas portuguesas comandadas por D. Jaime, 4.º duque de Bragança.

À esquerda: o desembarque.

Ao centro: os preparativos para o cerco.

À direita: o cerco e a conquista da praça.

2 Sala das Tapeçarias

Tapeçarias de Bruxelas e de Mortlake, dos séculos XVII e XVIII, revestem as paredes desta primeira sala da visita. Acompanham-nas peças de mobiliário português da mesma época.

À esquerda encontra-se um baixo-relevo da Sagrada Família, um notável exemplo do barroco italiano, datado de 1679.

À direita, uma escultura de Teixeira Lopes retrata D. Amélia, última rainha de Portugal. Mulher do rei D. Carlos I, foi mãe do príncipe real D. Luís Filipe e do infante D. Manuel.

A rainha apoiou ativamente numerosas causas sociais, da prevenção da tuberculose à fundação de sanatórios, dispensários e cozinhas económicas para os mais pobres. Grande mecenas das artes, foi também ela própria artista: o Museu-Biblioteca da Casa de Bragança guarda uma importante coleção dos seus desenhos e aguarelas.

Retrato do rei Manuel II, óleo sobre tela, João Reis, 1936.

O último rei de Portugal, D. Manuel II, subiu ao trono aos 18 anos, depois do assassinato do pai, o rei D. Carlos, e do irmão mais velho, o príncipe real D. Luís Filipe, no regicídio de 1908. Reinou pouco mais de dois anos e partiu para o exílio em Inglaterra com a implantação da República, em 1910. O seu testamento, datado de 20 de setembro de 1915, esteve na origem da Fundação da Casa de Bragança, que gere e preserva o património que lhe foi confiado.

3 Sala do Gigante

O nome desta sala vem dos frescos do teto, pintados por volta de 1600, que narram o confronto bíblico entre David e o gigante Golias.

A maioria dos quadros desta sala foi pintada pelo rei D. Carlos I, que estudou desenho e pintura desde jovem. Entre os seus pastéis mais notáveis contam-se *O Marroquino* (1904) e *O Sobreiro* (1905).

Os azulejos de Talavera de la Reina, datados de 1602, são peças raras. O silhar da sala seguinte, a Sala da Medusa, completa este conjunto.

Antes de lá chegarmos, passamos pelo **Oratório da Duquesa**. Este espaço de oração conserva várias pinturas seiscentistas de Marcos da Cruz e uma Anunciação de Pierre Antoine Quillard, do início do século XVIII. Os frescos do teto datam de 1602-1603.

O Sobreiro, D. Carlos de Bragança, pastel sobre tela, 1905.

4 Sala da Medusa

Aqui, os frescos do teto, também do início do século XVII, contam a história de Perseu e Medusa.

O rei D. Carlos encomendou uma série de retratos a vários artistas célebres do seu tempo. Na sua maioria, estes pintores são representativos da corrente realista-naturalista portuguesa, que surgiu no final do século XIX como reação ao Romantismo. Os retratos expostos mostram monarcas portugueses, de D. Maria I (1734-1816) a D. Carlos I (1863-1908).

5 Sala de D. João VI, Portugal e o Brasil

Inspirada na relação histórica e cultural entre Portugal e o Brasil, esta sala aborda o percurso de D. João VI (1767 – 1826) como duque de Bragança e príncipe regente, rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves e rei de Portugal.

Os ambientes culturais e artísticos em que D. João VI se moveu, incluindo durante a sua permanência neste Paço Ducal, são evocados por mobiliário e obra artística dos séculos XVIII e XIX. Destacam-se os retratos da autoria de Giuseppe Trono; a *Pregação de São João Baptista*, assinada por Domingos Sequeira; o retrato de D. Maria da Glória, futura rainha D. Maria II, de Simplício Rodrigues de Sá; e obras de música sacra compostas por Marcos Portugal.

De regresso à Sala da Medusa, seguimos para a Sala dos Duques, atravessando uma série de salas mais pequenas, a última das quais é a **Sala da Restauração**.

Nela encontramos um retrato de D. João, 8.º duque de Bragança, nascido no Paço Ducal de Vila Viçosa em 1604. Subiu ao trono como D. João IV em 1640, quando Portugal recuperou a independência com o movimento da Restauração, depois de 60 anos sob a Coroa espanhola. A Casa de Bragança tornou-se então a casa reinante, dando início à dinastia mais longa da história de Portugal.

Na parede oposta encontra-se o retrato da sua filha, D. Catarina de Bragança, que se tornou rainha de Inglaterra pelo casamento com Carlos II. Esta união foi decisiva para reforçar a aliança entre Portugal e Inglaterra.

6 Sala dos Duques

Também conhecida como Sala dos Tudescos, em referência à guarda de honra formada por soldados alemães, esta é a maior sala do Paço. O teto de caixotões está decorado com 18 retratos a óleo dos duques de Bragança, até ao rei D. José I (1714-1777), que aqui surge ainda como jovem príncipe. Estas pinturas foram encomendadas pelo rei D. João V (1689-1750) ao pintor italiano Domenico Duprà, cerca de 1725.

Entre as peças mais importantes desta sala contam-se as tapeçarias com Episódios da Vida de Aquiles, segundo cartões de Peter Paul Rubens (Bruxelas, século XVII), o tapete persa de estilo Isfahan (século XVII) e as armaduras (Itália, século XVI, e Alemanha, século XVII).

D. Afonso, 1.º duque de Bragança, e D. Beatriz Pereira de Alvim, filha do Condestável D. Nuno Álvares Pereira.

7 Sala das Virtudes

Nesta sala, estamos sob a proteção das sete virtudes teologais e cardeais: Fé, Esperança, Caridade, Prudência, Justiça, Fortaleza e Temperança. Mas o teto tinha oito caixotões, por isso coube à Sabedoria ocupar o que sobrava.

8 Sala de Hércules

A pintura do teto representa Hércules em luta contra o leão de Nemeia. Aqui encontramos uma das muitas lareiras de mármore do Paço. Junto às lareiras há «aquários» de porcelana chinesa, que se enchiam de água para humidificar o ar.

Os tapetes de Arraiolos, cujo processo tradicional de confeção integra o Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial, encontram-se por todo o Paço. O maior da coleção da Fundação, datado do século XVIII, pode ser visto nesta sala.

9 Sala Dourada

A maioria dos objetos desta sala data do século XIX e provém das coleções do Palácio das Necessidades. Julga-se que este seja o único teto do Paço que nunca foi restaurado. Ainda assim, as pinturas a óleo sobre madeira do século XVII mantêm, séculos depois, uma vivacidade notável.

10 Aposentos Reais

***O Mexilhoeiro* (Cascais),** D. Carlos de Bragança, pastel sobre cartão, sem data.

Ao entrar, encontramos outras obras do rei D. Carlos: uma pintura de um dos seus quatro iates, o *Amélia I*, vários retratos e o pastel *O Mexilhoeiro*. Esta terá sido uma das últimas obras em que o rei trabalhou antes do seu assassinato, em 1908, sendo geralmente considerada inacabada.

Estes eram os aposentos privados de D. Carlos e D. Amélia. Na noite de 31 de janeiro de 1908, o rei dormiu neste quarto pela última vez. No dia seguinte, foi assassinado por simpatizantes republicanos à chegada ao Terreiro do Paço, em Lisboa. Hoje, os quartos apresentam-se tal como seriam nessa época.

Da sala de estar da rainha avista-se o Jardim da Duquesa, que rodeia os Aposentos Reais. O percurso continua pela **Sala das Recordações** e pelo corredor dos criados, cujas paredes exibem pinturas e desenhos do rei D. Carlos e de artistas seus contemporâneos.

Entre as obras do rei destacam-se os desenhos a carvão de grande formato e as pinturas de dois dos iates que utilizou nas suas campanhas oceanográficas.

Quarto do rei D. Carlos I

Quarto da rainha D. Amélia

11 Capela

Erguida no século XVI, a capela foi alvo de sucessivas obras, incluindo uma renovação no século XIX.

Continua a acolher concertos de música clássica, oferecidos ao público pela Fundação. Os concertos realizam-se de abril a dezembro, na última sexta-feira de cada mês. A entrada é gratuita e o programa pode ser consultado online.

PARA MAIS INFORMAÇÕES, CONSULTE OS CONTACTOS NO FINAL DESTE FOLHETO.

12 Sala Indo-Portuguesa

A Rainha D. Amélia em Sintra, óleo sobre tela, Veloso Salgado, 1896.

O mobiliário indo-português do século XVII aqui exposto dá nome à sala. Nas paredes encontram-se pinturas de grande formato: o rei D. Carlos I com o seu Estado-Maior, por Carlos Reis; a rainha D. Amélia em Sintra, por Veloso Salgado; e o príncipe real D. Luís Filipe, por José Malhoa.

O piano foi oferecido pela comunidade inglesa de Lisboa a D. Carlos e D. Amélia de Orleães por ocasião do seu casamento, em 1886. Depois de acompanhar durante muitos anos os concertos da capela, foi transferido para esta sala. Era daqui que a música chegava à sala de jantar durante as refeições da família real.

13 Sala de Jantar

À entrada, à esquerda, fica a **Sala das Porcelanas**, onde se reúnem peças de vários países. Nas vitrines ao longo da parede esquerda da sala de jantar encontram-se alguns dos melhores exemplares: faiança portuguesa dos séculos XVII a XIX e majólica italiana dos séculos XVI a XVIII.

Construída no reinado de D. Maria I, no final do século XVIII, a sala de jantar veio responder à falta de um espaço destinado a essa função. As suas cinco portas dão para um terraço e para uma escadaria que desce ao jardim à francesa, também setecentista. A arquitetura deste período procurava criar transições suaves entre os espaços interiores e exteriores.

A caminho da cozinha, passamos pela **Sala dos Vidros**, uma antiga copa que reúne agora duas coleções, uma de vidros e outra de barro.

Também aqui se podem ver ementas decoradas a aguarela pelo rei D. Carlos, um passatempo que deixa entrever algumas das suas paixões: o mar, a planície alentejana e as touradas.

14 Cozinha

Como em qualquer grande residência, a cozinha era um espaço essencial, que foi sendo ampliado e melhorado ao longo dos séculos. À sua volta multiplicavam-se fornos, galinheiros, adegas e vários armazéns.

A visita termina aqui, entre as mais de 500 peças da coleção de cobres da Fundação.

Os visitantes saem pelo claustro gótico, que data da primeira fase de construção do Paço. A Armaria fica à direita. O claustro dá para o grande pátio das antigas Cocheiras e Cavalariças Reais, que hoje albergam a Coleção de Coches.

Claustro

Para conhecer melhor o Paço, consulte o ***Roteiro do Paço Ducal de Vila Viçosa***, à venda na nossa loja.

FUNDAÇÃO DA CASA DE BRAGANÇA
MUSEU - BIBLIOTECA

Paço Ducal, Terreiro do Paço 7160-251, Vila Viçosa

palacio.vilavicosa@fcbraganca.pt

www.fcbragança.pt

Fundação da Casa de Bragança

fundaçãodacasadebragança